



CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

Filosofia



Ensino Médio
MÓDULO III

Unidade I

Disciplina (Michel Foucault)

“Muitos alunos quando vão se matricular em cursos a distância ficam um tanto quanto receosos porque ainda estão acostumados com o modelo de escola que estudaram enquanto crianças, uma escola tradicional, fruto de uma sociedade capitalista que surgiu à partir da Revolução industrial, uma escola punitiva (Quem nunca ouviu falar sobre palmatória?) É importante você perceber que essa escola surgiu como mecanismo do sistema capitalista para disciplinar, ou docilizar os corpos para que as pessoas pudessem cumprir sem questionar todas as novas impostas pelo mercado de trabalho, ou seja, pelo mundo capitalista, veja abaixo o que o filósofo Michel Foucault fala sobre isso”

O filósofo Michel Foucault rompe com as concepções clássicas de poder. Ele entende que o poder é relacional, a ação de uns sobre os outros que se dá nas relações. Assim, o poder é móvel e pulverizado sobre as diversas relações, pode ser positivo quando é necessário e contém uma função social.

“O poder está nas relações cotidianas. Só um exemplo é o poder que uma mulher pode exercer sobre o marido, o pai sobre os filhos, ou mesmo um cantor sobre a juventude”.

O autor não vê o poder localizado somente no governo, nem no estado, mas presente em todos os lugares, em todas as classes sociais e atinge todas as pessoas. Ele se dissemina e se articula não exercendo um papel puramente repressivo, mas também produtivo. Não existe poder único, mas **práticas de poder** no cotidiano, espalhadas por todas as estruturas sociais através de um conjunto de mecanismos, a disciplina.

Foucault estuda os mecanismos da disciplina como poder exercido sobre os corpos, *corpo que se manipula, se modela se treina, que obedece, responde se torna hábil ou cujas forças se multiplicam*. O corpo se torna objeto e alvo de poder.

Para Foucault, o poder em todas as sociedades, está ligado ao corpo. É sobre ele que se impõem as obrigações, as limitações e as proibições. Daí surge a noção de docilidade, o corpo dócil pode ser submetido, utilizado, transformado, aperfeiçoado em função do poder.

Na escola é proibido falar durante a aula, tem que sentar na posição correta para não agredir a coluna, não pode levantar-se da cadeira, é preciso levantar a mão para falar, para dizer que precisa ir ao banheiro. No recreio não deve correr para não cair, é aconselhável não brincar

com terra porque suja o corpo e o material escolar, não pode ir beber água o tempo todo, durante as atividades não pode olhar de lado nem conversar com o colega. Esses são exemplos em relação aos estudantes. Os professores, por sua vez, também não podem fazer uma série de coisas como, por exemplo, se ausentar da sala, usar roupa curta ou deselegante. Às vezes, o professor precisa calar diante de injustiças e grosserias frente às possíveis punições ou ameaças.

Para Foucault, a atuação da disciplina ocupa lugares fechados como escolas, hospitais e prisões que possuem uma arquitetura **panóptica***. A organização dos espaços é compreendida por Foucault como capitalizadora do tempo e propicia a disciplina nas práticas coletivas. Assim é a escola, espaço do sistema capitalista e corporativo que se apropria do corpo e do tempo do estudante.

As primeiras escolas foram construídas com o modelo arquitetônico das prisões para ser possível vigiar e controlar. Hoje, mesmo com a arquitetura moderna, as escolas continuam com ambiente favorável às práticas de vigilância. Suas arquiteturas facilitam essas práticas porque são planejadas com aberturas, transparências, vazios, passagens.

***Pan-óptico** é um termo utilizado para designar um centro penitenciário ideal. O nome aplica-se também a uma torre de observação localizada no pátio central de uma prisão, manicômio, escola, hospital ou fábrica. Aquele que estivesse sobre esta torre poderia observar todos os presos da cadeia (ou os funcionários, loucos, estudantes, etc), tendo os sob seu controle.

Nas salas de aula de aula, as carteiras geralmente são dispostas em filas, uma atrás da outra; há um espaço na frente reservado para o (a) professor (a), às vezes ainda mais alto que o resto da sala; as janelas são grandes e largas, às vezes com vidros transparentes; há câmeras nos corredores, pátios, em outros espaços como coordenações, secretaria, e até dentro das salas de aulas em algumas escolas. Tudo para proporcionar uma rede de olhares que controlam uns aos outros: um (a) professor (a) que controla toda a classe, uma equipe técnica que controla todos os professores, um (a) diretor (a) que controla toda a escola. A visibilidade geral propicia o poder.

As câmeras, por exemplo, são uma nova forma de **panoptismo**, que remete à visão que tudo ver sem ser visto, tem efeito de induzir, no ser observado, um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Na escola o

estudante, o professor, o técnico, o secretário não sabe que estão sendo vigiados, mas isso não importa, o que importa é que eles saibam que podem estar sendo vigiados. O que tudo vê não pode ser visto. A disciplina que é externa é interiorizada. Assim, não é preciso recorrer à força para que a secretária faça seu trabalho, o técnico cuide das questões pedagógicas da escola, o professor dê bem as suas aulas, o aluno se aplique, leia, faça os exercícios, se comporte.

A distribuição dos indivíduos no espaço é o primeiro passo da disciplina. É preciso separar os corpos, mas torná-los visíveis para a observação. *A disciplina às vezes exige cerca, a especificidade de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo.*

Para isso, a disciplina tem que distribuir as pessoas no espaço da melhor forma possível. O muro da escola a isola do exterior, do quarteirão, da rua, da praça, do bairro. Lá dentro *cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar um indivíduo*. Dentro da sala todos estão juntos, mas cada um no seu canto. No horário dedicado ao lazer, os grupos não se misturam. Os professores conversam numa sala específica, os funcionários em outra, os estudantes ficam no pátio, em geral brincam por série, tamanho, sexo, faixa etária.

A escola é um espaço analítico onde o quadriculamento permite a vigilância contínua através da disciplina. Quando algum aluno, por exemplo, não apresenta bom comportamento, é levado à coordenação que em geral, após um longo discurso moral, fica sozinho para pensar no que fez e ouviu. Está presente aqui, o princípio da clausura. *Solidão necessária do corpo e da alma (Você se lembra disso nas escolas tradicionais?).*

Mas Foucault também fala sobre a regra das localizações funcionais onde além de todas as vigilâncias há ainda uma série de controles. Na escola, a cada fim de semestre, é feito o conselho de classe, instrumento que analisa a produtividade do alunado e controla a aprendizagem. Quando é detectado algum problema como: dispersão, hiperatividade, dislexia entre outros distúrbios, a família é chamada para ouvir as sugestões de solução: mudança de classe, encaminhamento ao serviço psicológico ou psicopedagógico, transferência da escola etc. O papel do professor nesse momento é de classificador. É por meio de suas observações e anotações classificadoras que se estuda no conselho, caso a caso. O conselho de classe, portanto, são um instrumento administrativo e político que individualiza os corpos, os

diagnósticos, os tratamentos. *Constitui um quadro real de singularidades justapostas e cuidadosamente distintas.*

Outro forte elemento disciplinar é a fila. A posição que alguém ocupa numa classificação torna-se a unidade. Para Foucault, *disciplina é a arte de dispor em fila*. A organização por fileiras define a forma de repartição dos estudantes. Portanto, a repartição segundo a idade, aptidão, desempenho, comportamento, mostram um movimento eterno onde um substitui o outro num espaço serial.

Todas as atividades que formam a dinâmica cotidiana escolar estão também controladoras pelo horário, que é a garantia da qualidade do tempo. Um controle contínuo sob o horário de chegar e de sair, de início e de término. O discurso dos professores é sempre nessa direção: há tempo para tudo, tempo de estudar e de brincar. Na escola, o maior tempo é de estudar. Assim, o (a) professor (a) é um fiscal que pressiona, afastando o que possa distrair para que o tempo seja integralmente útil. Dentro desse controle, a escola usa modelos para gerir e modelar os estudantes. A função do controle está em corrigir e prevenir, funcionando como uma economia do poder.

A ideia é controlar para não precisar punir. Na escola, o mecanismo penal do sistema disciplinar são as sanções normatizadoras, aplicadas tanto para os estudantes quanto para os funcionários. As micro penalidades do tempo, da atividade, da maneira de ser, dos discursos, do corpo, da sexualidade, se configuram em forma de punições em processos sutis que vão do castigo físico leve a rápidas privações e pequenas humilhações. As ordens das sanções devem ser respeitadas e são colocadas em forma de lei, regulamento, regimento, estatuto, programa, regras.

As sanções normatizadoras têm função corretiva e formam um sistema duplo de gratificação-sanção. Nesse contexto, os exames são rituais para controlar, qualificar, classificar e punir. Eles oferecem a visibilidade das diferenciações e sanções e ligam formação do saber com exercício do poder. É um poder exercido sem ser percebido e faz a individualização entrar num campo documentário essencial para a disciplina. Nas cadernetas, nos boletins e nos relatórios dos conselhos de classe está a síntese desse arquivo escrito que descreve, mensura, mede, compara o individual.

A disciplina é a técnica que fabrica indivíduos úteis e está na existência do ser humano na sociedade. Nesse sentido, a disciplina é necessária para a sociedade, o modelo de disciplina e, por que não dizer, de sociedade que precisa ser mudado.

Finalmente, é importante atentar para uma concepção positiva do poder e uma perspectiva democrática para a disciplina e buscarmos coerência e caminhos, que possam nos levar a práticas democráticas e a ações de pequenas revoluções cotidianas nas relações de poder micro, para consolidar uma sociedade igualmente democrática.

Disciplina, síntese, criatividade, respeito e ética os cinco mandamentos da MENTE DO FUTURO

A mente criativa: Cultiva novas ideias e formula perguntas insólitas, obtendo respostas inesperadas. Esta capacidade apenas pode ser alcançada após o desenvolvimento da mente disciplinada e da mente sintética

A mente respeitosa: É um modo de pensar que aceita as diferenças entre os indivíduos, se esforça para compreender os outros e colaborar com eles. É cada vez mais necessária em tempos de globalização

A mente ética: Procura compreender as características e os objetivos do trabalho ou ação aos quais ela se dedica. Avalia as necessidades e desejos relativos a esse trabalho ou ação, buscando ir mais além dos simples interesses pessoais

O século 21 pertencerá às pessoas capazes de pensar de modo múltiplo. Quem não conseguir desenvolver essa capacidade está destinado a sucumbir - profissionalmente e socialmente - num mundo onde a informação é superabundante, no qual, para se fazer a escolha justa, é necessária deixar-se guiar pela capacidade de síntese ou por uma intuição bem treinada.

Quem afirma isso não é um visionário qualquer. É Howard Gardner, o professor da Harvard University (EUA) que, há 20 anos, desmontou a ideia até então largamente aceita de que existia um único modo - o quociente de inteligência, QI - para medir a capacidade do cérebro humano. Por conta disso, Gardner ganhou um lugar fixo na lista dos cem intelectuais mais influentes do mundo, anualmente compilada pela revista *Prospect*.

Gardner acaba de lançar um livro que está fazendo furor em todo o mundo: *Cinco Mentos Para o Futuro* (Editora Artmed). Nele, o autor desenvolve a teoria de que, para se sobreviver no mundo atual, é necessário ser rigoroso e criativo ao mesmo tempo. A primeira das cinco abordagens mentais examinadas pelo professor norte-americano é a da "mente disciplinada", a mais clássica entre elas, a mente que recolhe as várias informações e estímulos recebidos ao longo do tempo e depois as dirige e põe em prática num campo particular de atividade, exatamente o campo em que essa pessoa se distingue.

Logo após, vem a "**mente sintética**", essencial na época da internet e da profusão dos canais de notícias: quem possui esse tipo de impostação mental coleta as informações, as seleciona e sintetiza de maneira original. A "mente criativa", que vem em seguida, é aquela que cultiva novas ideias e é capaz de formular perguntas insólitas e de obter respostas inesperadas.

A sequência continua com duas abordagens que Gardner define "**não opções, mas sim necessidades**" nos dias de hoje: a "mente respeitosa" - a maneira de pensar de quem aceita as diferenças, se esforça para compreender os outros e colaborar.

Por fim, vem a "**mente ética**", aquela que avalia as necessidades e os desejos da sociedade global, buscando atingir objetivos que vão além dos interesses pessoais. "Estou certo de que existem outros aspectos além desses, e que seria importante estudá-los, - explica o autor - mas esses cinco são aqueles que merecem ser enfatizados nos dias atuais."

Sabendo disso, não limite sua mente vá além do que já foi. Você tem capacidade para construir e transformar através do pensamento. Veja abaixo através da música do grupo Cidade Negra, onde o pensamento pode te levar.

Em seu livro, Gardner explica as razões que o levaram a escolher essas cinco abordagens como fundamentais: *"O mundo do futuro, com os seus mecanismos de busca, robôs e outros recursos informáticos, exigirá de nós a posse de capacidades que até agora eram apenas opcionais: para responder a essa solicitação, é preciso que comecemos a cultivá-las desde já".*

Pensamento

Cidade Negra

Você precisa saber
 O que passa aqui dentro
 Eu vou falar pra você
 Você vai entender
 A força de um pensamento
 Pra nunca mais esquecer
 Pensamento é um momento
 Que nos leva a emoção
 Pensamento positivo
 Que faz bem ao coração
 Subi o Himalaia
 Pra no alto cantar
 Com a imaginação que faz
 Você viajar, todo mundo
 Estou sem lenço e o
 documento
 Meu passaporte é visto em
 todo lugar
 Acorda meu Brasil com o lado
 bom de pensar
 Detone o pesadelo pois o
 bom
 Ainda virá
 Você precisa saber
 O que passa aqui dentro
 Eu vou falar pra você
 Você vai entender
 O mal não
 O mal não
 Sempre que para você
 chegar

Terá que atravessar
 A fronteira do pensar
 A fronteira do pensar
 E o pensamento é o fundamento
 Eu ganho o mundo sem sair do lugar
 Eu fui para o Japão
 Com a força do pensar
 Passei pelas ruínas
 E parei no Canadá

A força de um pensamento
 Pra nunca mais esquecer
 Custe o tempo que custar
 Que esse dia virá
 Nunca pense em desistir, não Te
 aconselho a prosseguir O
 tempo voa rapaz.
 Pegue seu sonho rapaz
 A melhor hora e o momento
 É você quem faz
 Recitem

Poesias e palavras de um rei
 Faça por onde que eu te ajudarei
 Recitem poesias e palavras de um rei
 Faça por onde que eu te ajudarei
 Recitem poesias e palavras de um rei
 Faça por onde que eu te ajudarei
 Recitem poesias e palavras de um rei
 Faça por onde que eu te ajudarei

Unidade II

Nacionalismo

Nacionalismo é algo estreitamente ligado ao **subjetivo** e á valorização da identificação de um povo, de uma nação, especialmente no que se refere aos aspectos ideológicos. Claro, quando relacionado a questões de liberdade, independência e outros valores superiores, pode ser visto como algo bom, porém há um lado obscuro, que gera intolerância, xenofobia muitas vezes, então é algo a ser tratado com respeito e delicadeza.

Um pouco diferente de patriotismo, que leva em conta especialmente uma simbologia do Estado, como brasões, Hino, Bandeira, o Nacionalismo inclui os interesses das nações, geralmente ligados à economia, sendo ainda que estes interesses podem ser corrompidos por outros e tornar o nacionalismo algo questionável do ponto de vista “ideal”. Entre os aspectos interessantes e válidos do nacionalismo eu destacaria a manutenção da cultura, língua, etc.

Um dos grandes cuidados com o Nacionalismo destaca-se em exemplos claros no século XX: fascismo, integralismo no Brasil e Portugal e outros. Uma ideologia não precisa ser boa, ela apenas existe, e um Nacionalismo exacerbado pode retorcer as coisas de maneira realmente não interessante para a humanidade. Muitas nações por MUITO tempo não tiveram identidade, fronteiras demarcadas e sequer um idioma único. O Nacionalismo tem um mérito e surge também como ideologia revolucionária inclusive contra o domínio do cristianismo católico que apoiava feudos, e também como ideologia da burguesia, apesar de na verdade, uma ideologia dominante ser sempre aquela que surge da sociedade que é a dominante, então a ideologia sempre está localizado nas classes dominantes.

Após a fase burguesa / feudal, com a vitória política, social e cultural, o Nacionalismo foi deixado como lembrança e ressurgiu no Novo Mundo. Por diversas razões, desde as relações colônia colonizador tão mencionado por tanto tempo, mantemos em destaque o Nacionalismo como algo ainda importante. Daí também surgiu discursos anticolonialistas como os de Tiradentes por exemplo. Século XXI, vivemos o auge da globalização, e de certa forma, economicamente “comprometemos” o Nacionalismo. Os interesses são diversos, baseados quase que exclusivamente nos valores capitalistas e a influência dos mais desenvolvidos influi de tal forma na cultura de outros povos, que muitos começam a perder a identidade.

Padrões ideológicos não aceitáveis como neonazismo e outros começam a surgir novamente, questionando o valor do Estado e a globalização que deve começar a tomar um rumo democrático universal, excedendo os limites de interesses locais baseados em economia.

As tendências do nacionalismo ainda estão em guerras, poder, o que diretamente está relacionado à economia. Guerra é heroica e traz grandeza para seu país, há tendências de governar o **“mundo”**, etc. O Nacionalismo extremo prega racismo como algo aceitável e por defender sua ideologia, e é um tema que está sendo retomado na Europa, especialmente com o **“problema muçulmano”**. A Globalização além de seu aspecto econômico nos traz a possibilidade de iniciar verdadeiras mudanças. O problema e todos os males da globalização e de nosso desenvolvimento como planeta, nos trazem a responsabilidade e obrigatoriedade de buscar saídas que não sejam econômicas. O Capitalismo já se mostrou ineficaz para a miséria do mundo, criando mais miseráveis, a religião já mostrou ser um instrumento de discórdia e nunca se matou tanto quanto em nome de deus, então precisamos repensar valores, respeitar a vida e superar o próprio humano.

Nacionalismo

No século XIX, vários intelectuais passaram a discutir quais seriam os elementos históricos e culturais que poderiam definir a identidade nacional. Muitas vezes, buscando a construção de um argumento forte, os pensadores do nacionalismo procuravam na língua, nos mais diversos comportamentos e na História a definição do perfil comum dos indivíduos pertencentes à nação. Não raro, argumentos de ordem mítica reforçavam um ideal de superioridade a ser compartilhado.

Comparativamente, a doutrina nacionalista colocava a defesa da nação acima de outras experiências e instituições tais como o Estado, a Igreja, o partido político ou o sindicato. Paralelamente, também devemos destacar que o sentimento nacional provocou transformações profundas na relação das nações entre si. O verdadeiro nacionalista deveria sempre acreditar e perceber que a soberania de sua nação estava acima dos interesses particulares e das ameaças estrangeiras.

Para os liberais, o nacionalismo acabava sendo interpretado como um grande desdobramento do próprio liberalismo. Afinal de contas, a busca pelo direito de escolher seu próprio governo, criar suas próprias leis e defender o território integravam o amplo conjunto de lutas que garantiriam a liberdade e a igualdade. Em contrapartida, podemos ver que este movimento ia de encontro às doutrinas socialistas que conclamavam a união dos trabalhadores de todo o mundo.

PRECONCEITO



A ética e os estereótipos irracionais

Ética é a área da filosofia que estuda o comportamento humano. Portanto, um problema ético de grande relevância e interesse é o **preconceito**, uma vez que se trata de um comportamento que cria vários problemas práticos para o ser humano. Para o filósofo, ou melhor, no âmbito filosófico, para se tratar do tema, a primeira questão a ser levantada é: o que é ou em que consiste o preconceito?

A resposta que se dará a essa questão aqui tem como base as ideias do filósofo e jurista italiano Norberto Bobbio, cujas posições éticas e políticas costumam ser acolhidas pelos mais diferentes grupos, sejam de direita ou esquerda, por exemplo. Ao analisar o preconceito, Bobbio deixa claro que ele se constitui de uma opinião errônea (ou um conjunto de opiniões) que é aceita passivamente, sem passar pelo crivo do raciocínio, da razão.

O estereótipo

Em geral, o ponto de partida do preconceito é uma generalização superficial, um estereótipo, do tipo "todos os alemães são prepotentes", "todos os americanos são arrogantes", "todos os ingleses são frios", "todos os baianos são preguiçosos", "todos os paulistas são metidos", etc. Fica assim evidente que, pela superficialidade ou pela estereotipia, o preconceito é um erro.

Entretanto, trata-se de um erro que faz parte do domínio da crença, não do conhecimento, ou seja ele tem uma base irracional e por isso escapa a qualquer questionamento fundamentado num argumento ou raciocínio. Daí a dificuldade de combatê-lo. Ou, nas palavras do filósofo italiano, "precisamente por não ser corrigível pelo raciocínio ou por ser menos facilmente corrigível, o preconceito é um erro mais tenaz e socialmente perigoso".

Ao apresentar a base irracional do preconceito, Bobbio levanta a hipótese de que a crença na veracidade de uma opinião falsa só se torna possível por que essa opinião tem uma razão prática: ela corresponde aos desejos, às paixões, ela serve aos interesses de quem a expressa.

Preconceitos coletivos

Bobbio distingue os preconceitos individuais, como as superstições, por exemplo, dos coletivos. Fixa sua atenção nos nestes últimos, porque os primeiros são inócuos, não produzem resultados graves. Ao contrário do que ocorre quando um grupo social apresenta um juízo de valor negativo sobre outro grupo social. Dizer que os homens são diferentes entre si é um juízo de fato, mas, a partir disso, não existem elementos que fundamente juízos de valor que considerem um grupo de homens superior a outro. É precisamente essa diferenciação valorativa que costuma servir de base à discriminação, à exploração, à escravização ou à eliminação de um grupo social por outro.

Racismo no Brasil

O tipo de preconceito mais frequente em nosso país é o racial. O racismo no Brasil fica mais evidente quando o brasileiro identifica o negro com seu papel social. A constatação, obtida por meio de pesquisa, é da psicóloga e professora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Ângela Fátima Soligo.

Em sua pesquisa, a professora pediu aos entrevistados que atribuíssem dez adjetivos aos homens e mulheres negros. Nessa primeira fase, houve equilíbrio. Os pesquisados utilizaram adjetivos positivos para definir os negros, como competentes, alegres, fortes. Em seguida, eles foram estimulados a qualificar esses adjetivos, atribuindo-lhes características.

O resultado final revelou que a maioria dos entrevistados, aí incluídos também os negros, limita-se a reproduzir os chavões sociais. O negro é alegre porque gosta de samba e Carnaval, forte porque se dá bem nos esportes e competente para trabalhos braçais. "O adjetivo é positivo, mas o papel social ligado ao negro mostra um preconceito arraigado na nossa cultura", concluiu a estudiosa.

Mesmo nas exceções, a regra se confirmou. "Houve um entrevistado que disse que o negro pode ser um advogado competente, mas apenas para livrar outros negros da cadeia, isolando-os à condição de bandidos e marginais". A pesquisa reforçou a tese de que o brasileiro pratica

um "racismo camuflado": em tese, diz que não tem preconceito, mas prefere limitar as possibilidades e potencialidades da raça negra. Por exemplo, na pesquisa, não houve identificação do negro com o intelectual ou o político.

Os dados da pesquisa foram semelhantes em todos os estados pesquisados, inclusive na Bahia - cuja capital, Salvador, tem população predominantemente negra e esta culturalmente ligada a tradições africanas. Ela apontou que o modelo, a conduta e a história dos brancos são mais valorizados em nossa sociedade. Com isso, os próprios negros acabam incorporando uma imagem negativa sobre sua raça.

O problema do racismo brasileiro é antigo. Tem início por volta do final do primeiro século de colonização, quando os portugueses constataram a impossibilidade de escravizar os índios. O negro, então, foi trazido à força para o país, para servir de escravo nas plantações de cana de açúcar. Independentemente da miscigenação, o negro e os mestiços sempre foram discriminados socialmente no Brasil.

A própria legislação brasileira, durante quase 500 anos, estimulou a discriminação e o preconceito. Nem após a abolição da escravatura e a proclamação da República, o negro deixou de ser discriminado. Só em 1988, com a promulgação da Constituição que está em vigor (art. 5º - inciso XLII), a prática do racismo passou a ser considerada um crime inafiançável e imprescritível.

Nazismo: um regime político racista

O Nazismo ou Nacional-Socialismo foi uma doutrina que exacerbava as tendências nacionalistas e racistas e que constituiu a ideologia política da Alemanha, durante a ditadura de Adolf Hitler (1939-1945). O pensamento nazista apregoava a superioridade cultural e racial dos alemães, que estariam vocacionados a impor-se sobre os outros povos da Europa. Elegeu como seus inimigos ideológicos o liberalismo e o comunismo, que estariam corrompendo as nações europeias e pelos quais seriam os responsáveis o povo judeu.

Considerados como uma raça inferior, além de inimigos do regime, os judeus foram inicialmente discriminados e, depois, violentamente perseguidos. Não só na Alemanha mas

em todos os países que foram dominados pelo nazismo, a partir de 1939, os judeus tinham seus bens confiscados pelo Estado e eram confinados em guetos. Com o início da guerra, passaram a ser utilizados como escravos. O ápice do projeto nazista para os judeus, entretanto, era a chamada "solução final", ou seja, o extermínio de todos os judeus europeus. Estima-se que seis milhões de judeus tenham sido massacrados pelo nazismo.

Vale, porém, lembrar que o furor do preconceito nazista não se restringiu aos judeus. Outros povos também foram perseguidos, como os ciganos, ou considerados inferiores, como os eslavos. O nazismo também perseguiu e confinou os homossexuais e chegou a instituir um programa de eliminação dos deficientes mentais da Alemanha.

A esse propósito, pode-se apresentar os diversos tipos de preconceitos sociais mais frequentes, deixando de lado o racismo, já suficientemente comentado:

a) Preconceito quanto à classe social: Em geral, é a tendência a considerar o "pobre" como um ser humano inferior, em função de sua pobreza, para prevalecer-se dele. A diferença social não pode ser transposta para o plano intelectual ou moral. Neste último, em especial, todos os homens desfrutam e devem desfrutar de uma mesma dignidade.

b) Preconceito quanto à orientação sexual: Atualmente, é cada vez mais reconhecido, inclusive no aspecto legal, o direito de o indivíduo se relacionar sexual e afetivamente com outro(s) indivíduo(s) do mesmo sexo. A escolha sexual não interfere no caráter e não é obstáculo ao desenvolvimento de qualquer atividade. A homossexualidade (homo = igual), porém, ainda é muito discriminado no Brasil, o que é um resquício da sociedade patriarcal e machista que o país foi até cerca de 40 anos atrás.

c) Preconceito quanto à nacionalidade: Entre nós, brasileiros, é frequente tachar os portugueses de burros. Isso também é um vestígio do passado colonial: uma forma de nos vingarmos do povo que naquela época mandava em nosso país. Em São Paulo, no começo do século 20, devido à imigração, havia preconceito contra os italianos, chamados pejorativamente de "**carcamanos**". Na Argentina, há décadas atrás, os brasileiros eram chamados de "**macaquitos**", por supostamente imitarem as modas vindas dos Estados Unidos.

d) Preconceito contra deficientes: Há uma grande diferença entre deficiência e incapacidade. No entanto, não é incomum que os deficientes sejam discriminados, particularmente em termos profissionais. Recentemente, o governo brasileiro tem desenvolvido políticas que visam a integrar o deficiente à sociedade e coibir a discriminação.

Finalmente, você pode estar se perguntando: tudo bem, já está muito claro o que é preconceito, como ele se origina e quais são seus tipos mais frequentes, mas a questão principal é como acabar com ele? Pois bem, veja a resposta dada pelo próprio Norberto Bobbio:

“Quem quer que conheça um pouco de história, sabe que sempre existiram preconceitos nefastos e que mesmo quando alguns deles chegam a ser superados, outros tantos surgem quase que imediatamente. Apenas posso dizer que os preconceitos nascem na cabeça dos homens. Por isso, é preciso combatê-los na cabeça dos homens, isto é, com o desenvolvimento das consciências e, portanto, com a educação, mediante a luta incessante contra toda forma de sectarismo. Existem homens que se matam por uma partida de futebol. Onde nasce esta paixão senão na cabeça deles? Não é uma panaceia, mas creio que a democracia pode servir também para isto: a democracia, vale dizer, uma sociedade em que as opiniões são livres e, portanto são forçadas a se chocar e, ao se chocarem, acabam por se depurar. Para se libertarem dos preconceitos, os homens precisam antes de tudo viver numa sociedade livre.”

Em 1919, foi fundado o Partido Nazista, que teve como chefe Adolf Hitler, austríaco que lutara no exército alemão. No mesmo ano, foi votada a nova Constituição da Alemanha. Estabelecia uma federação de 23 Estados, que passavam a ter uma Constituição democrática, enviando seus delegados a uma Assembleia Nacional. O Reichstag.

O presidente da República seria eleito por sete anos mediante voto direto universal. Tinha por função comandar o exército, indicar os ministros, dissolver o Reichstag se necessário e convocar novas eleições. De 1919 até 1929, a chamada República de Weimar enfrentou enormes dificuldades. Apesar das reformas trabalhistas que limitavam o tempo de trabalho a oito horas e de um conselho de patrões e empregados criado para orientar a política econômica do país, a miséria e a fome orientar a política econômica do país, a miséria e a fome abatiam-se sobre a Alemanha em consequência da contínua desvalorização monetária, provocada por necessidade de pagar as repartições de guerra aos aliados franceses tornou a situação ainda mais crítica. Em 1923, a inflação era galopante.

Hindenburg foi eleito presidente em 1925, substituiu a Ebert, falecido. A recuperação da Alemanha era bem frágil. A crise econômica mundial de 1929 demonstrando esse fato, pois permitiria a ascensão ao poder do líder do Partido Nazista, Adolf Hitler. Ele se utilizou do descontentamento dos alemães com o governo para obter mais adeptos. O Partido Nazista imitou o Partido Fascista: tinha tropas de choque e empregava métodos violentos contra socialistas, comunistas e judeus, além de perseguir sindicatos e jornais.

Em 1923, a França invadiu o centro industrial da Alemanha. Para forçar sua retirada, o governo alemão incentivou a greve na região e passou a pagar parte dos salários, aumentando a inflação. O desespero aumentou o número de adeptos do Partido Nazista. Hitler iniciou então uma revolução em Munique, mas fracassou, e ficou preso por alguns meses. Ele afirmava que os lemas eram superiores em termos raciais, e que o nazismo deveria conduzir o mundo.

Pregava a necessidade de se manter a pureza da raça ariana, eliminando de se manter a pureza da raça ariana, eliminando os judeus da Alemanha. Os judeus eram acusados de capitalistas, que enfraqueciam a Alemanha.

Quando Hitler chegou a poder, utilizou-se de suas tropas de choque para se livrar de adversários políticos. E em 1932 elegeu 230 deputados de seu partido. Em 1934, morreu o presidente alemão. Hitler, que assumiria em 1933 como primeiro-ministro, impôs uma ditadura violenta.

Pessoas de destaque da oposição foram enviadas para campos de concentração. Todos os estados ficaram centralizados pelas ordens de Hitler. Os judeus perderam a cidadania e passaram a ser perseguidos. Todos eram obrigados a exercer a doutrina nazista.

Nazismo e raça: O nazismo desenvolveu várias teorias a respeito de raças. Afirmavam poder estipular cientificamente uma hierarquia estrita entre "raças humanas"; no topo, estava a "raça nórdica", e em seguida, as "raças inferiores". Na parte inferior desta hierarquia estavam as raças "parasíticas", ou "Untermenschen" ("subumanos"), os quais eram percebidos como perigosos para a sociedade. Os mais baixos de todos na política racial da Alemanha Nazista eram os africanos, ciganos, polacos e judeus. Ciganos e judeus eram eventualmente considerados *Lebensunwertes Leben* ("vida indigna de viver"). Os judeus, e posteriormente os ciganos, tornaram-se cidadãos de segunda-classe, expulsos da Alemanha Nazista antes de serem confinados em campos de concentração e depois exterminados durante o Holocausto (ver a descrição de Raul Hilberg das várias fases do Holocausto). Richard Walther Darré, Ministro da Alimentação e Agricultura do *Reich* entre 1933 a 1942, popularizou a expressão "*Blut und Boden*" ("Sangue e Solo"), uma das muitas expressões do glossário da ideologia nazista usadas para reforçar o racismo popular entre a população alemã.

Preconceito de gênero

A mulher sofre diversas formas de violência. Se ela pertence às classes menos favorecidas, sofre a violência de classe. Se ela não for branca, sofre a violência racial. Pode ser vítima de uma violência agravada, por exemplo, se for negra e pobre.

No entanto, a mulher, independentemente de sua classe social, raça e idade, sofre também uma violência específica, de gênero, ligada à questão da subordinação da população feminina. A organização social de gênero atribui aos homens prerrogativas que lhes permitem ditar normas de conduta para as mulheres, assim como julgar a correção do cumprimento dessas normas. A violência contra a mulher é a primeira forma de regulamentação das relações sociais de sexo, uma manifestação das relações de poder historicamente desiguais entre mulheres e homens.

Definimos violência contra a mulher como todo e qualquer ato embasado em uma situação de gênero, na vida pública ou privada, que tenha como resultado dano de natureza física, sexual ou psicológica, incluindo ameaças, coerção ou a privação arbitrária da liberdade.

Violência da porta para dentro

A violência física é uma das expressões extremas das contradições de gênero, que revela a crueza e profundidade do problema. É no espaço doméstico que ela é mais frequente e apresenta suas mais variadas formas. Contrariando o senso comum, as pesquisas indicam que o lugar menos seguro para a mulher é a sua própria casa. Segundo dados mundiais, o risco de uma mulher ser agredida em casa, pelo marido, ex-marido ou atual companheiro, é nove vezes maior do que o de sofrer alguma violência na rua. Acobertada pela cumplicidade da sociedade e pela impunidade, a violência contra a mulher ainda é um fenômeno pouco visível. Os casos que chegam às delegacias são apenas a ponta do *iceberg*. Cabe destacar que os boletins de ocorrência das delegacias revelam um número significativo de registros provenientes das classes A e B, contrariando a tese de que a violência contra a mulher é resultado de uma cultura da pobreza ou da baixa escolaridade.

Embora, no Brasil, existam poucas pesquisas quantitativas, levantamento feito pela Sociedade Mundial de Vitimologia, sediada na Holanda, com 138 mil mulheres de 54 países, revelou que 23% das brasileiras estão sujeitas à violência doméstica. No Rio de Janeiro, segundo levantamento do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher (Cedim), registram-se cerca de 5 mil ocorrências de violência por mês, ou seja, uma média de 170 por dia. Isso significa que, a cada hora, sete mulheres são agredidas nas suas casas.

A luta feminista, o surgimento das delegacias de defesa da mulher e o debate público sobre a questão contribuíram para que muitas mulheres vencessem a barreira do medo e da vergonha e denunciassem os maus-tratos sofridos.

Violência não rima com saúde

A violência conjugal tem forte impacto sobre a saúde física e mental das mulheres. Os atos ou ameaças de violência infundem medo e insegurança. As mulheres têm medo por causa do poder dos homens, em particular dos maridos, e este próprio medo serve à justificativa do poder.

Dentre as consequências psicológicas da violência, podemos destacar as seguintes: terror que paralisa, agitação e ansiedade próximas do pânico, ameaça constante de ataque, impotência e incapacidade de atuar, desespero, sensação de abandono e desvalorização pessoal, indolência extrema e constante depressão.

O Banco Mundial estima que, nos países em desenvolvimento, a violência doméstica e a violação sexual representam 5% dos anos de vida saudável perdidos por mulheres em idade reprodutiva. Por exemplo: em Manágua, 12% das mulheres que não sofriam violência foram hospitalizadas no ano de 1996. Entre as agredidas, o percentual mais do que dobrava, subindo para 26%. No Brasil, um terço das internações em unidades de emergência é consequência da violência doméstica. O mesmo índice se repete nos EUA.

REFERENCIAS

http://www.guiadedireitos.org/index.php?option=com_content&view=article&id=1041&Itemid=263
http://pt.wikipedia.org/wiki/Intoler%C3%A2ncia_religiosa <http://www.xr.pro.br/religiao.html>
<http://www.brasilecola.com/sociologia/etnocentrismo.htm>
http://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura_ocidental
<http://www.brasilecola.com/historiag/nacionalismo.htm>
<http://www.terra.com.br/revistaplaneta/edicoes/418/artigo56012-1.htm>
<http://aideofobia.blogspot.com/2009/03/nacionalismo.html> <http://letras.terra.com.br/cidade-negra/45286/> http://gestor.adm.ufrgs.br/adp/culturaorg_adpo14_2
<http://www.grupoescolar.com/pesquisa/cultura-um-conceito-antropologico.html>
<http://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/nazismo.htm>
<http://www.belezapura.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=173&tpl=printerview&sid=7> <http://www.espacoacademico.com.br/074/74barbosa.htm>
<http://educacao.uol.com.br/filosofia/ult3323u16.jhtm>